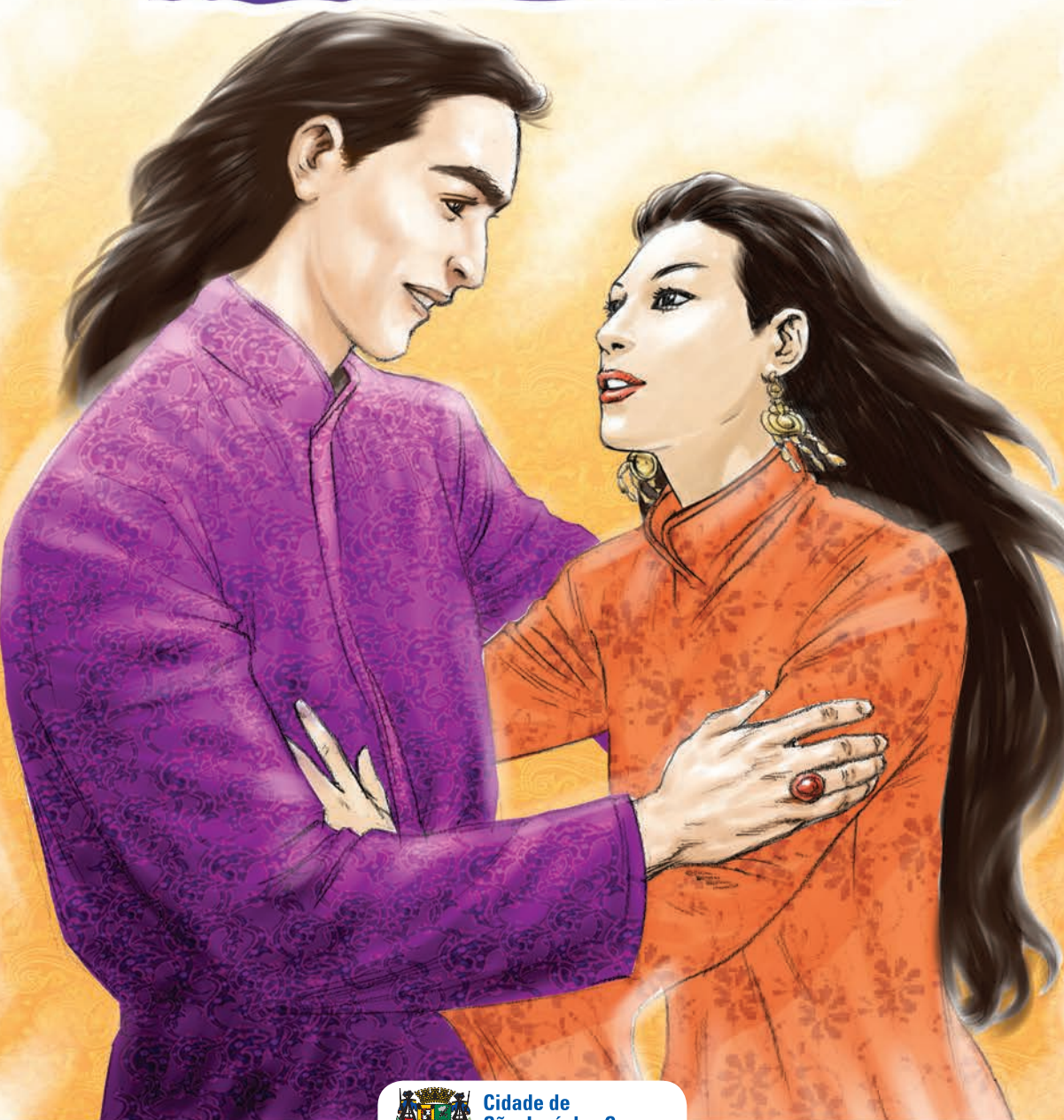


Conto das Mil e Uma Noites
***O Príncipe Kamar
e a Princesa da China***

Ilustrações de Mozart Couto



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal

Conto das Mil e Uma Noites
***O Príncipe Kamar
e a Princesa da China***

Ilustrações de Mozart Couto



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal

Há cerca de vinte dias de navegação da costa da Pérsia, nas Ilhas dos Filhos de Khaledan, vivia um rei que tinha um único filho, o príncipe Kamar. Ele cresceu cercado de todos os cuidados imagináveis e, quando chegou a certa idade, seu pai designou-lhe uma governanta experiente e tutores talentosos. Conforme crescia, ia adquirindo todo o conhecimento que um príncipe deveria ter sobre suas obrigações e posses, e se comportava tão bem, que encantava a todos que o viam e, de modo particular, ao sultão, seu pai.

Quando o príncipe atingiu a idade de quinze anos, o Sultão, que o amava ternamente e dava a cada dia novas provas desse sentimento, pensou em dar a ele um presente ainda melhor: abdicar de seu trono e passá-lo a Kamar. E informou o seu grão-vizir sobre suas intenções.

– Eu temo – disse o Sultão – que meu filho possa perder, na inatividade própria da juventude, estas boas maneiras que sua natureza e a educação lhe garantiram. Assim, como eu já estou em idade avançada e devo pensar em afastar-me, pensei em transferir o governo para ele e passar o resto dos meus dias tendo a satisfação de vê-lo reinar. Tenho suportado o peso da coroa por longo tempo e acredito que agora seja um momento apropriado para retirar-me de cena.

O grão-vizir não apenas procurou dissuadir o Sultão de tal idéia, como insistiu para que mudasse totalmente seu projeto.

– Senhor – disse ele – o príncipe ainda é muito jovem e não seria, em minha humilde opinião, aconselhável sobrecarregá-lo com o peso da coroa tão cedo. Vossa Majestade teme, com grande razão, que sua juventude possa ser corrompida pela indolência, mas, para evitar isso, não seria mais apropriado casá-lo? Vossa Majestade pode incluí-lo no seu Conselho, onde ele poderá aprender gradualmente a arte de reinar e ser preparado para receber seu poder no momento em que, em sua sabedoria, Vossa Majestade julgar que ele está qualificado.

O Sultão achou as considerações de seu primeiro-ministro muito razoáveis, por isso convocou o príncipe a comparecer diante dele, ao mesmo tempo em que dispensava o grão-vizir.

O príncipe, que tinha sido acostumado a ver seu pai apenas em algumas ocasiões, sem que o mandassem buscar, ficou um pouco sur-

preso com essa convocação. Quando, entretanto, viu-se diante do pai, saudou-o de pé, com grande respeito, olhando para o chão.

O Sultão, percebendo o constrangimento do filho, falou-lhe com voz calma:

– Você sabe, filho, por que motivo eu o mandei chamar?

O príncipe, modestamente, respondeu:

– Apenas Deus conhece o que se passa no coração. Devo ouvir de Vossa Majestade o motivo, com prazer.

– Eu o chamei – disse o sultão – para informá-lo de que tenho a intenção de providenciar um casamento apropriado para você. O que acha disso?

O príncipe Kamar ouviu esta notícia com grande inquietação: fora algo tão surpreendente para ele, que ficou estático, sem saber que resposta dar.

Depois de alguns momentos de silêncio, ele respondeu:

– Majestade, eu imploro seu perdão se pareci surpreso com essa declaração que acabou de fazer-me. Não esperava esse tipo de proposta para alguém tão jovem quanto eu. É preciso tempo para definir o que Vossa Majestade quer de mim.

Essa resposta do príncipe Kamar deixou seu pai extremamente aflito. O Sultão ficou muito angustiado ao ver que o filho demonstrava uma aversão ao casamento, mas ainda não iria puni-lo pela desobediência, nem exercer sua autoridade paterna. Contentou-se em dizer-lhe que não forçaria suas inclinações, mas deu-lhe um tempo para que considerasse sua proposta.

O Sultão não disse mais nada ao príncipe: admitiu-o no seu Conselho, e deu ao filho todos os motivos para ficar satisfeito. No final do ano, chamou o príncipe de lado e lhe disse:

– Meu filho, você pensou bem na proposta que fiz no ano passado sobre se casar? Continua a me negar este desejo que espero obter por sua obediência? E a me ver sofrer até a morte sem realizá-lo?

O príncipe pareceu menos desconcertado do que antes, e não demorou muito para responder ao seu pai:

– Majestade, eu não fui negligente em considerar sua proposta, mas, depois de uma reflexão madura, confirmei a minha resolução de

continuar como sou. Assim, espero que Vossa Majestade me perdoe se ousar dizer-lhe que será inútil voltar a falar comigo sobre casamento. – Ele parou por aí e saiu sem ficar para ouvir qual seria a resposta do sultão.

Qualquer outro monarca teria ficado furioso com tal liberdade de seu filho e o teria feito se arrepender, mas o Sultão o amava e preferiu adotar métodos mais gentis antes de usar a coerção. Comunicou esta nova causa de descontentamento ao seu primeiro-ministro.

– Eu segui seu conselho – disse ele –, mas Kamar está mais longe do que nunca de atender meus desejos. Ele me revelou sua decisão em tais termos, que precisei usar de toda minha razão e moderação para controlar meu temperamento. Diga-me, eu lhe imploro: como farei para mudar essa rebeldia tão oposta à minha vontade?

– Majestade – respondeu o grão-vizir – a paciência já encontrou soluções para fatos adversos que antes pareciam intransponíveis, mas esta questão com o príncipe pode ser de outra natureza. Talvez não se consiga nada indo por esse caminho. Creio que Vossa Majestade não terá motivos para se arrepender se der ao príncipe mais um ano para considerar o assunto. Se nesse intervalo ele voltar a agir com obediência, o senhor terá uma maior satisfação. Mas se, no entanto, continuar avesso à sua proposta, quando esse prazo expirar, Vossa Majestade pode declarar-lhe, em pleno Conselho, que é extremamente necessário para o bem do Estado que ele se case. O príncipe não deverá recusar-se nestas condições, diante de tão distinta assembléia, honrada pela presença de Vossa Majestade.

O ano acabou e, para grande tristeza do sultão, o príncipe Kamar não deu a menor prova de ter mudado de idéia. Um dia, no entanto, quando havia um grande Conselho reunido, com o grão-vizir, os outros vizires, os mais importantes oficiais da coroa e os generais do exército presentes, o Sultão começou a falar ao príncipe:

– Meu filho, já faz agora um longo tempo desde que eu expressei a você meu desejo sincero de vê-lo casado; e imaginei que iria ter mais consideração para com um pai que não quer de você nada de tão exagerado, para que se oponha por tanto tempo. Mas, depois de tanta resistência de sua parte, a ponto de praticamente acabar com a minha

paciência, pensei em fazer a mesma proposta novamente a você, na presença de todo o meu Conselho. Eu deveria tê-lo feito compreender que era seu dever aceitar esta proposta, não apenas para favorecer um pai. O bem-estar de meus domínios assim o exige e a assembléia aqui presente se une a mim para exigir isto de você. Declare-se, então. De acordo com sua resposta, eu terei que tomar minhas providências.

O príncipe respondeu com rispidez, tão acaloradamente, que o sultão, enfurecido ao ver-se desrespeitado em frente a todo o Conselho, gritou:

– Filho desnaturado! Você tem a insolência de falar dessa maneira com seu pai e Sultão?

Ordenou aos guardas para levá-lo embora dali para a velha torre, desocupada por um longo tempo, onde ele foi encarcerado com apenas uma cama, um pequeno móvel, alguns livros e um escravo para atendê-lo.

Kamar, mesmo privado de seus privilégios, estava agradecido por ter a liberdade de conviver com os seus livros e isto o fez ver sua prisão com indiferença. À tarde tomou banho e disse suas preces; e, depois de ter lido alguns capítulos do Corão, com a mesma tranquilidade mental que teria tido no palácio do Sultão, ele se despiu e foi para a cama, deixando a lâmpada queimando por todo o tempo em que dormiu.

Dentro dessa torre havia um buraco que servia de refúgio diurno para certa fada, chamada Maimune, filha de Damriat, rei e líder de uma legião de gênios. Era cerca de meia-noite quando Maimune saiu alegremente da boca do buraco para perambular pelo mundinho ao qual estava acostumada e onde deixava sua curiosidade guiá-la. Ficou surpresa ao ver uma luz no quarto do príncipe Kamar e entrou rápido, passando por sobre o escravo deitado à porta.

O príncipe Kamar estava apenas meio coberto pelas roupas de cama e Maimune pôde ver que se tratava do mais belo jovem que ela já havia visto em todas as suas andanças pelo mundo.

– Que crime terá ele cometido – perguntou a si mesma – para que um homem de tal distinção mereça ser tratado assim tão severamente? – já ouvira falar da história do jovem príncipe e dificilmente poderia acreditar nela.



Não pôde deixar de admirar o príncipe, até que por fim, tendo beijado-o gentilmente em ambas as faces e no meio da testa sem acordá-lo, ela levantou vôo. À medida que ela subia para a região central, ela ouviu um forte bater de asas que a fez voar naquela direção. Quando se aproximou, percebeu que era um gênio que fazia aquele barulho, mas era um do grupo dos rebeldes. Quanto a Maimune, ela pertencia à classe que era obrigada pelo grande Salomão a reconhecê-lo como líder.

Este gênio, que se chamava Danhasch, conhecia Maimune e ficou em pânico, sensibilizado pelo maior poder que ela tinha sobre ele, graças à sua submissão ao Todo-poderoso. Se pudesse a teria evitado, mas ela estava tão próxima dele, que seria preciso ou lutar ou se submeter. Por isso, foi ele o primeiro a quebrar o silêncio:

– Valente Maimune – disse ele, em tom de súplica – prometa-me que não irá machucar-me e eu prometo, de minha parte, não lhe fazer nenhum mal.

– Amaldiçoado gênio – respondeu Maimune – que tipo de mal poderia fazer-me? Eu não o temo, mas posso garantir-lhe este favor: prometo não machucá-lo. Diga-me, então, espírito nômade, de onde você vem, o que tem visto e o que fez esta noite?

– Formosa dama – respondeu Danhasch – a senhora me encontrou em um bom momento para ouvir algo maravilhoso que tenho para contar-lhe. Eu venho dos limites mais extremos da China, que são consideradas as últimas ilhas deste hemisfério. Porém, encantadora Maimune – disse Danhasch, tremendo tanto de medo, à mera visão da fada, que mal podia falar – prometa-me ao menos que irá me perdoar e me deixará ir, depois de ter satisfeito seus pedidos.

– Continue, continue, espírito amaldiçoado – replicou Maimune – continue e nada tema. Então pensa que sou tão pérfida quanto um elfo como você mesmo? E capaz de quebrar o juramento solene que fiz? Jure que não dirá nada menos do que a verdade ou irei cortar suas asas e tratá-lo como você merece.

Danhasch, um pouco mais encorajado pelas palavras de Maimune, disse:

– Minha cara dama, eu não lhe direi nada mais além da estrita verdade, se tiver a bondade de me ouvir. O país da China, de onde ve-

nho, é um dos maiores e mais poderosos reinos da Terra. O rei desse país no momento é Gaiur, que tem apenas uma filha, a mais bela das donzelas que já foram vistas desde que o mundo é mundo. Nem Vossa Senhoria, nem eu, nem os de sua classe, nem os da minha, nem todos os nossos respectivos gênios terão palavras suficientemente adequadas, ou a eloquência necessária, para descrever tão deslumbrante dama! Qualquer um que não conheça o rei, pai dessa incomparável princesa, mal poderia imaginar o grande respeito e gentileza que ele dedica a ela. Ninguém jamais sonhou com o tanto de cuidado que ele tem para mantê-la longe de cada homem que pretenda casar-se com ela. E para que o retiro em que decidi deixá-la não lhe pareça tão enfadonho, ele construiu sete palácios, os mais extraordinários e magníficos jamais conhecidos!

– O primeiro palácio – continuou ele – é feito de pedras de cristal; o segundo, de cobre; o terceiro, de fino aço; o quarto, de bronze; o quinto, de pedra de toque; o sexto, de prata e o sétimo, de ouro sólido. Ele mobiliou estes palácios com suntuosidade, com móveis feitos dos mesmos materiais com que cada um foi construído. Adornou os jardins com flores e relva, em meio a espaços com água, fontes, canais, cascatas e grandes bosques de árvores, onde o olhar se perde e o sol nunca entra, e fez com que tudo tivesse arranjos diferentes. O Rei Gaiur, em síntese, mostrou que, pela filha, não quis poupar nenhuma despesa.

Conhecendo a fama da beleza incomparável desta princesa, os mais poderosos reis das terras vizinhas mandaram embaixadores para pedi-la em casamento. O Rei da China recebeu-os da mesma maneira amável, mas estava resolvido a não dar a sua filha em casamento sem o consentimento dela. Como ela não gostou de nenhum dos pretendentes, os embaixadores foram forçados a voltar da mesma forma que chegaram: perfeitamente satisfeitos com as grandes honras e cortesia que receberam.

– Majestade – disse a princesa ao Rei, seu pai – percebo que o Senhor tem o desejo de me ver casada e até pensa em me obrigar a isso; mas onde encontrarei palácios tão suntuosos e jardins tão deliciosos como os que tenho aqui com Vossa Majestade? Por sua boa vontade eu não estou obrigada a decidir-me e recebo as mesmas honras que

lhe são dedicadas, meu pai. Estas vantagens eu não espero encontrar em nenhum outro lugar, com qualquer marido a quem eu entregue a minha mão. Homens gostam sempre de ser os senhores e eu não me importo de ser comandada.

Por fim chegou um embaixador vindo do reino mais rico e poderoso de todos. A este príncipe, em particular, o Rei da China recomendou à filha que aceitasse como marido. Usou vários argumentos poderosos para mostrar o quanto lhe seria vantajoso aceitá-lo, mas ela implorou a seu pai que a dispensasse de aceitar este príncipe pelas mesmas razões já apresentadas. Por fim, sem convencê-lo, acabou perdendo todo o respeito dedicado ao rei seu pai.

– Senhor – disse ela, com raiva – não fale mais comigo sobre este ou outro pretendente, a menos que queira que eu finque este punhal em meu peito, para que me livre de suas ordens inoportunas.

O rei, imensamente enraivecido, disse:

– Filha, você está louca e eu preciso tratá-la como tal!

Em uma palavra, fez com que fosse trancada em um apartamento simples em um dos seus palácios, e permitiu a ela apenas dez mulheres idosas para lhe fazer companhia, sendo a chefe delas sua aia. E para que não mais pensassem nela os reis, seus vizinhos, que haviam enviado embaixadores a ele para tratar desse assunto, despachou enviados a todos eles, respectivamente, para que soubessem quão avessa sua filha era ao casamento. E como o Rei não duvidava de que a filha fosse realmente louca, encarregou os enviados de fazer saber em cada corte o seguinte: se houvesse qualquer médico que pudesse encarregar-se de curá-la, este iria, se bem-sucedido, casar-se com ela por merecimento.

– Formosa Maimune – continuou Danhasch – tudo que lhe disse é verdade. E não deixei de ir um dia sequer contemplar tão incomparável beleza! Eu ficaria muito pesaroso se provocasse qualquer mal a ela, mesmo considerando minha tendência natural à travessura. Vá vê-la com vossos próprios olhos, eu imploro; seria de grande valor para a senhora! Estou pronto para servir como seu guia: apenas aguardo suas ordens. Não duvido de que a senhora se sentirá muito agradecida a mim por admirar uma princesa de tão inigualável formosura!

Em vez de responder a Danhasch, Maimune pôs-se a gargalhar alto, o que durou um bom tempo. Danhasch, sem saber o que fazer, ficou completamente assustado. Quando já havia rido até o ponto de não lhe sair nem mais um sorriso, ela falou aos gritos:

– Bom, bom, muito bom! Eu acredito em tudo o que você me disse. Penso que queria dizer-me algo surpreendente e extraordinário e por isso ficou a contar-me todas essas bobagens sobre uma mulher louca. O que diria, então, gênio maldito, se tivesse visto o lindo príncipe que acabei de ver? Tenho certeza de que você logo abandonaria esta disputa e não iria comparar sua escolha com a minha.

– Encantadora Maimune – respondeu Danhasch – será que posso perguntar-lhe de que príncipe a senhora está falando?

– Sabe – replicou ela – aconteceu ao meu príncipe o mesmo que à sua princesa. O rei, seu pai, queria casá-lo contra sua vontade, mas depois de muito ser importunado, o jovem nobre declarou francamente ao seu pai que nada teria a fazer com uma esposa. Por isso ele está agora preso na velha torre que me serve de residência e onde eu estava agora mesmo a admirá-lo.

– Não irei de forma alguma contradizê-la – respondeu Danhasch.

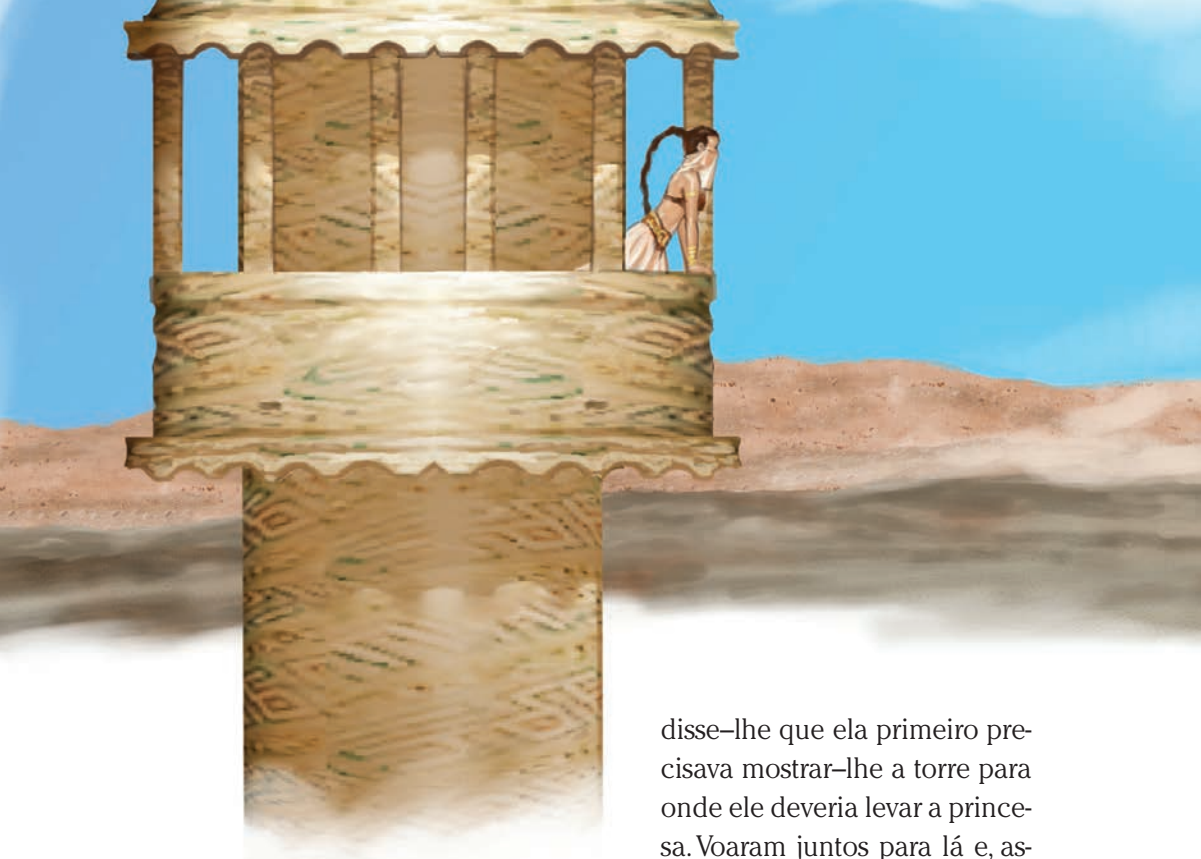
– Mas, bela dama, a senhora deve me permitir ter a opinião de que, até ver o vosso príncipe, não existe mortal algum na Terra que possa ser mais belo do que a minha princesa.

– Segura sua língua, espírito do mal – respondeu Maimune. – Digo-lhe uma vez mais que isto não é possível!

– Não lutarei contra a senhora – disse Danhasch. – Mas a forma de convencê-la de que o que digo é verdade, é uma só: aceite minha proposta para ir ver minha princesa. Depois disso irei com Vossa Senhoria ver o seu príncipe.

– Não há necessidade que eu faça tanto sacrifício! – discordou Maimune. – Há outra forma de satisfazer a nós dois: você deve trazer sua princesa e colocá-la no quarto do meu príncipe. Deste modo será fácil para nós compararmos os dois ao mesmo tempo e encerrarmos a disputa.

Danhasch aceitou a proposta de Maimune e estava resolvido a partir imediatamente para a China para completar sua missão. Mas Maimune



disse-lhe que ela primeiro precisava mostrar-lhe a torre para onde ele deveria levar a princesa. Voaram juntos para lá e, assim

que Maimune a mostrou para ele, impôs uma ordem:

– Vá, busque sua princesa, e faça-o rápido, pois irá me encontrar aqui ao voltar. Mas ouça: você irá pagar-me a aposta, se meu príncipe for mais bonito do que sua princesa e eu irei pagá-la a você se sua princesa for mais bela do que meu príncipe.

Danhasch deixou Maimune e voou para a China, de onde ele logo voltou com velocidade incrível, trazendo a formosa princesa junto com ele, adormecida. Maimune o recebeu na velha torre, levando a princesa ao quarto do príncipe Kamar, ficando ambos, ainda dormindo, lado a lado.

Logo se iniciou uma grande disputa entre o gênio e a fada sobre quem seria o mais belo: o príncipe ou a princesa? Eles ficaram algum tempo admirando-os e comparando-os sem nada falar. Por fim, Danhasch quebrou o silêncio e disse a Maimune:

– Veja! Como eu havia lhe dito, minha princesa é mais bela que seu príncipe. Agora, eu espero, a senhora está convencida disto!

– Convencida de quê?! – retrucou Maimune. – Não estou convencida de nada e você deve ser cego se não percebe que meu príncipe é mais



belo. A princesa é formosa, não nego; mas, se os compararmos sem preconceitos, você logo verá a diferença.

– Ainda que eu os compare repetidas vezes – disse Danhasch – eu nunca mudarei minha opinião. Vi, à primeira vista, o mesmo que vejo agora, e ficar olhando por mais tempo não irá me fazer ver diferente. Entretanto, isto não me impedirá de submeter-me à senhora, encantadora Maimune, se assim desejar.

– Submeter-se a mim como um favor? Eu não aceito isso! – disse Maimune. – Eu não receberia favor algum de um gênio tão perverso! Entregarei o caso a um juiz e, se você não consentir, ganharei pela sua recusa.

Assim que Danhasch deu seu consentimento, Maimune bateu com o pé contra o solo. A terra se abriu em um buraco, de onde saiu um gênio horrível, corcunda, estrábico e coxo, com seis chifres na cabeça e garras nas mãos e pés. Ao se adiantar, a terra fechou-se e ele, notando Maimune, atirou-se aos seus pés e depois, ficando sobre um dos joelhos, perguntou a ela o que gostaria de fazer com ele.

– Levante-se, Caschcasch! – ordenou Maimune. – Eu o trouxe aqui para cima para decidir uma questão entre mim e Danhasch. Olhe aqui e diga, sem tomar partido: qual é o mais belo entre estes dois que aqui dormem? O jovem rapaz ou a jovem moça?

Caschcasch olhou para o príncipe e a para a princesa com grande atenção, admiração e surpresa; e, depois de pensar por um bom tempo, sem ser capaz de decidir qual era o mais belo, voltou-se para Maimune e disse:

– Senhora, devo confessar que irei desapontá-la e trair a mim mesmo, se pretender julgar que um é um pouquinho mais bonito do que o outro: quanto mais eu os vejo, mais me parece que cada um tem, em um grau extremo, a beleza que há neles, meio a meio. Mas se existir alguma diferença, a melhor forma de verificar isso é acordá-los, um depois do outro, e pela conduta de cada um decidir qual deve ser considerado o mais belo.

Esta proposta de Caschcasch agradou igualmente a Maimune e Danhasch. A fada, então, transformou-se em um mosquito e, pulando no pescoço do príncipe, picou-o tão ardido que ele acordou, e se deu um tapa para matar o inseto. Mas Maimune escapou e recuperou sua própria forma, ficando, assim como os dois gênios, invisível para melhor observar o que o príncipe iria fazer.

Ao retirar a mão, o príncipe deixou-a cair sobre a princesa da China e, ao abrir os olhos, ficou extremamente surpreso ao perceber uma dama de tão grande beleza ao seu lado. Levantou a cabeça e apoiou-se no cotovelo para olhá-la melhor. Era tão bela, que ele não pôde deixar de exclamar:

– Que bela! Meu coração! Minha alma!

Ao dizer isso, beijou-a com tão pouca cautela, que a jovem com certeza teria sido acordada por ele, não fosse o fato de ela estar dormindo mais pesado do que o normal, graças ao encantamento de Danhasch.

O príncipe estava prestes a acordá-la naquele instante, mas de repente refreou seu gesto.

– Não seria esta jovem – indagou-se ele – a que o Sultão, meu pai, escolhera para se casar comigo? Pois foi um grande erro não ter deixado que a visse antes. Eu não o teria ofendido com a minha desobediência e respostas ríspidas, em público, e ele teria sido poupado da confusão que causei.

O príncipe arrependeu-se sinceramente do problema que havia provocado e esteve uma vez mais a ponto de acordar a princesa da China.



– Pode ser – ponderou ele – que o Sultão, meu pai, tivesse em mente me surpreender com esta jovem dama. É possível que ele mesmo a tenha trazido até aqui e esteja escondido atrás das cortinas, pronto para me causar vergonha. Contentar-me-ei em ficar com este anel como uma lembrança dela.

Ele retirou gentilmente um anel perfeito que a princesa tinha em seu dedo e imediatamente o trocou por um dos seus. Depois disso, caiu em um sono ainda mais profundo do que o anterior, graças a um encantamento feito pelos gênios.

Assim que o príncipe Kamar adormeceu, Danhasch transformou-se em um mosquito também e, indo até a princesa, picou-a tão doloridamente no lábio, que ela acordou sem demora, levantando-se bruscamente e abrindo os olhos. Não foi pouca a sua surpresa ao ver ao seu lado tão belo jovem príncipe. Da surpresa ela passou à admiração, e tal admiração logo se transformou em alegria.

– Ora – exclamou ela – é você que o rei, meu pai, designou para ser meu marido? Sou realmente uma desafortunada por não tê-lo conhecido antes, pois, se soubesse, eu não teria deixado meu pai tão furioso comigo. Acorde, acorde!

Assim dizendo, ela pegou o príncipe Kamar pelo braço e sacudiu-o de tal forma, que ele teria acordado, caso Maimune não tivesse aumentado a força do encantamento de seu sono. Ela balançou-o diversas vezes e, vendo que não iria conseguir acordá-lo, agarrou-lhe a mão e a beijou impacientemente, notando que ele tinha no dedo um anel que lembrava imensamente o seu. Na verdade, ficou convencida de ser o seu próprio anel, ao ver que estava usando outro no lugar daquele que lhe pertencia. Ela não conseguia entender como essa troca havia acontecido. Cansada do esforço infrutífero de tentar acordar o rapaz, logo voltou a dormir.

Quando Maimune percebeu que a jovem dama dormia e poderia falar sem medo de acordá-la, começou a gritar com Danhasch:

– Ah, gênio do mal, você vê agora em que nossa peleja se transformou? Não está convencido de que sua princesa é muito inferior ao meu príncipe? Mas perdão sua aposta. Da próxima vez, acredite em mim quando eu lhe afirmar algo! – E voltando-se para Caschcasch:

– E quanto a você – disse ela – agradeço-lhe por seu transtorno. Agora

peguem a princesa, você e Danhasch, e transportem-na de volta para o lugar de onde veio.

Danhasch e Caschcasch fizeram como lhes foi ordenado e Maimune também se retirou do quarto.

Príncipe Kamar, ao acordar no dia seguinte, olhou em volta à procura da dama que ele havia visto ali na noite anterior. Quando descobriu que ela havia partido, gritou:

– Eu tinha razão em pensar que se tratava de um ardil de meu pai para zombar de mim. Estou feliz por ter percebido o engodo.

Em seguida, acordou o escravo, que continuava dormindo, e mandou que ele viesse e o vestisse, sem dizer nada. O escravo trouxe uma bacia com água. Depois que o príncipe se lavou e fez suas preces, pegou um livro e o leu por algum tempo.

Depois, chamou novamente o escravo e lhe disse:

– Venha cá e preste atenção: não me conte nenhuma mentira. Como aquela dama chegou aqui e quem a trouxe?

– Majestade respondeu o escravo completamente espantado eu não sei a que dama Vossa Alteza se refere.

– Falo daquela que veio, ou melhor, que foi trazida para cá – disse o príncipe.

– Meu senhor, juro que não sei de nenhuma dama! E como ela poderia entrar sem meu conhecimento, uma vez que eu dormia encostado à porta? – argumentou o serviçal.

– Você é um mentiroso tratante! – retrucou o príncipe. – E conspira para me atormentar e provocar ainda mais.

Assim dizendo, deu um soco na orelha do escravo e o derrubou. Continuou a bater nele por algum tempo, e depois amarrou seus braços e mergulhou-o na água, diversas vezes, dos pés à cabeça.

– Eu o afogarei – gritou ele – se não me contar rapidamente quem era aquela dama e quem a trouxe aqui!

O escravo, perplexo e semimorto, pensou consigo mesmo: “Meu senhor deve ter perdido a razão graças à desgraça”. – E gritou para o príncipe, suplicando:

– Meu Senhor, eu imploro a Vossa Alteza que poupe minha vida, pois irei dizer-lhe a verdade.

O príncipe levantou o escravo e pressionou-o a falar. O escravo, assim que recuperou um pouco do fôlego respondeu:

– Meu Senhor – disse tremendo – Vossa Alteza deve ter notado que me é impossível satisfazer seu desejo neste exato instante, nas minhas atuais condições. Imploro-lhe que me permita sair e trocar de roupa primeiro.

– Eu permito, mas faça-o rápido, e não ouse esconder-me nada! – ordenou o príncipe.

O escravo se foi e, tendo trancado a porta do príncipe, correu ao palácio nas condições em que se encontrava. O rei estava, naquele momento, conversando com seu grão-vizir, a quem havia acabado de contar a provação que sofrera na noite anterior com a desobediência e oposição de seu filho ao seu desejo. O ministro procurou consolar seu Senhor, explicando-lhe que o próprio príncipe havia lhe dado motivos para ficar zangado.

– Senhor – disse ele –, Vossa Majestade não deve arrepende-se por ter tratado seu filho dessa forma. Tenha paciência para mantê-lo por algum tempo em sua prisão e fique certo de que seu temperamento irá se enfraquecer e que ele se submeterá ao que o senhor exige.

O grão-vizir havia acabado de terminar esse pensamento, quando o escravo entrou e jogou-se aos pés do rei.

– Majestade, estou muito triste de ser o mensageiro de más notícias para Vossa Majestade, pois sei que estas irão provocar-lhe novas aflições. O príncipe está perturbado, meu Senhor, e seu tratamento para comigo, como pode ver, prova claramente o que digo.

Então ele começou a contar todos os detalhes sobre o que o príncipe Kamar havia lhe dito e a violência com que havia sido tratado.

O rei, que não esperava ouvir nada tão revoltante como isso, disse ao seu primeiro-ministro:

– Tudo isto é muito triste, muito diferente das esperanças com que me consolava agora mesmo. Vá imediatamente, sem perda de tempo, veja o que está acontecendo, e volte para informar-me.

O grão-vizir obedeceu imediatamente. Ao chegar ao quarto do príncipe na velha torre, encontrou-o sentado em sua cama, de bom humor, com um livro aberto nas mãos.

Depois dos cumprimentos habituais, o vizir sentou-se ao seu lado e disse:

– Meu Senhor, espero que o seu escravo seja punido por ir alarmar o rei, seu pai.

– Como poderia o meu pai ficar alarmado? Eu tenho um motivo muito maior para reclamar daquele escravo.

– Príncipe – respondeu o vizir –, Deus não permita que as notícias que ele contou ao seu pai sobre o senhor sejam verdadeiras; de fato, eu mesmo vejo que são falsas, uma vez que o encontro de ótimo humor.

– Pode ser que ele não tenha se feito entender bem; mas já que você veio, e mais do que ninguém deve saber melhor sobre o assunto, deixe-me perguntar-lhe: quem era a dama que esteve aqui ontem à noite?

O grão-vizir ficou atordoado com esta pergunta; entretanto, logo se recuperou e disse:

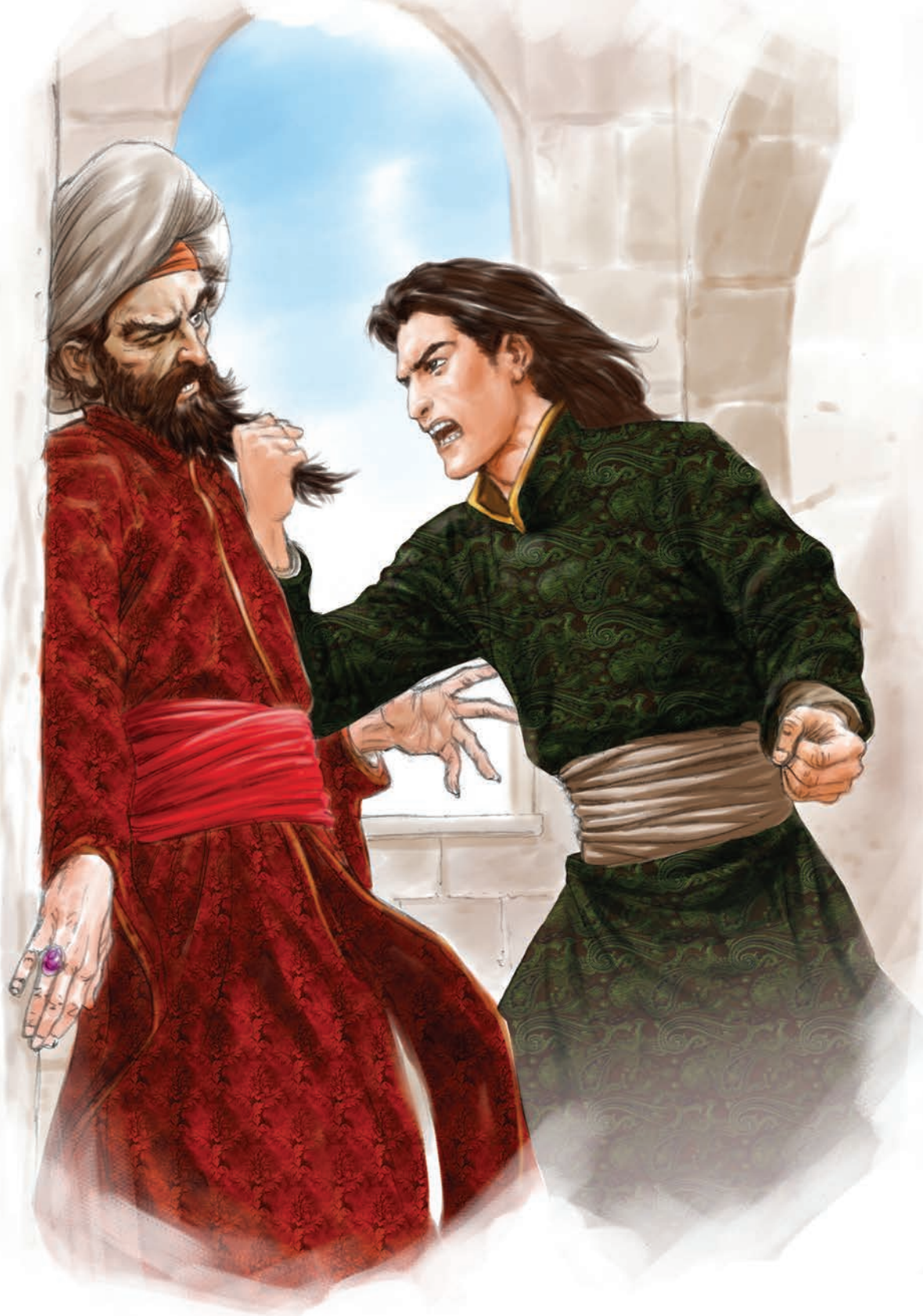
– Meu Senhor, não fique surpreso com o meu espanto com a sua pergunta. É possível que uma dama, ou qualquer outra pessoa no mundo, possa ter entrado neste lugar durante a noite, sem ser pela porta e passando por cima do corpo de seu escravo? Eu lhe imploro: pondere o Senhor mesmo, e irá perceber que apenas um sonho poderia ter-lhe provocado tal impressão.

– Não darei ouvidos ao que você está dizendo – respondeu o príncipe, elevando a voz. – Eu preciso saber de você exatamente o que aconteceu com aquela dama e, se hesitar em me contar, sou capaz de usar a força para fazer com que me obedeça.

Diante destas palavras duras, o grão-vizir ficou ainda mais confuso do que estava, e começou a pensar em como se desembaraçar daquela situação. Empenhou-se em acalmar o príncipe com palavras positivas e lhe implorou, da forma mais humilde e cuidadosa, para dizer se ele havia visto a dama.

– Sim, sim – respondeu o jovem. – Eu a vi e fiquei muito satisfeito por você tê-la mandado. Ela representou o papel que lhe deram admiravelmente bem, pois não consegui tirar dela uma palavra sequer. Ela fingiu dormir, mas bastou eu adormecer para levantar-se e me deixar. Você sabe tudo isso; duvido que ela não tenha ido lhe fazer um relatório.

– Meu Senhor – respondeu o vizir –, não fiz nada disso de que me



acusa de ter organizado. Nem seu pai nem eu mandamos uma dama aqui para falar-lhe. Permita-me, no entanto, lembrá-lo mais uma vez de que Vossa Alteza viu esta dama apenas em um sonho.

– Você veio para me afrontar e me contradizer!– disse o príncipe cheio de fúria. – E para dizer bem na minha cara que tudo o que estou lhe dizendo foi parte de um sonho? – Ao mesmo tempo, pegou o vizir pela barba e começou a bater nele, dando-lhe socos, enquanto o pobre homem mal conseguia ficar em pé.

O grão-vizir suportou toda essa violência, provocada pela indignação de seu senhor, com paciência e respeito e pensou consigo mesmo: “Agora estou em tão má condição quanto o escravo e me consideraria feliz se, como ele, ao menos conseguisse fugir para longe do perigo”.

No meio da fúria dos golpes, ele gritou por uma chance de ser ouvido, o que foi aceito pelo príncipe, pois este ficara exausto de tanto bater no homem mais velho.

– Reconheço, meu príncipe – disse o grão-vizir, disfarçando – que há algo de que Vossa Alteza desconfia; mas o Senhor não deve desconhecer que um ministro está obrigado a obedecer às ordens de seu mestre real; se o Senhor puder me devolver a liberdade, irei falar com o Sultão sobre qualquer coisa que Vossa Alteza queira me ordenar.

– Vá então – respondeu o príncipe – e diga a ele, em meu nome, que muito me agradaria casar com a dama que me foi enviada. Faça-o rápido e me traga uma resposta mais rápida ainda.

O grão-vizir fez uma profunda reverência e se foi. Não se considerou completamente seguro até que saísse da torre e fechasse a porta, deixando o príncipe para trás.

Chegando ao palácio, logo se apresentou diante do rei, com um aspecto tal que foi o suficiente para mostrar o quão maltratado ele havia sido. O rei não pôde deixar de notar a aparência de seu ministro sem demonstrar preocupação.

– Bem, em que condições encontrou o meu filho? – perguntou o Sultão.

– Senhor – respondeu o vizir –, o que o escravo contou à Sua Majestade não é nada mais do que a verdade.

Então começou a relatar sua conversa com Kamar. Falou de como

este se encolerizou com o seu esforço ao persuadi-lo de que era impossível que a dama de quem ele falava existisse; do tratamento brutal que recebeu do príncipe; de como foi usado e da forma como conseguiu escapar.

O rei, muito aflito por ter amado o príncipe com brandura excessiva, decidiu-se a descobrir a verdade sobre esse assunto, e por isso dispôs-se a ir pessoalmente ver o filho na torre, acompanhado do grão-vizir.

O príncipe Kamar recebeu o rei, seu pai, na torre, com grande respeito. O rei se sentou, e depois fez com que o filho, o príncipe, se sentasse ao seu lado. Fez-lhe diversas perguntas, às quais o jovem respondeu mostrando perfeito juízo. O sultão de vez em quando olhava para o grão-vizir, questionando-o se não tinha sido ele a perder o juízo no lugar do seu filho.

O rei finalmente abordou o assunto da dama com o príncipe:

– Meu filho – disse ele –, eu desejo que me diga que dama é essa que veio aqui, conforme me foi narrado.

– Senhor – respondeu Kamar –, imploro a Vossa Majestade que não me castigue mais por causa desse assunto, mas antes me conceda a graça de tê-la como minha esposa: esta jovem dama me encantou. Estou pronto para recebê-la de suas mãos com a mais profunda gratidão.

O rei ficou surpreso com essa resposta do príncipe, tão distante do bom senso que ele tinha mostrado pouco antes. Disse a ele:

– Meu filho, estou absolutamente espantado com o que me diz agora. Afirmo a você, pela minha coroa, que será sua depois de mim, que não sei nada sobre essa dama que menciona; e se algo assim aconteceu a você, foi totalmente sem o meu conhecimento. Mas como poderia ela entrar nesta torre sem a minha autorização? Seja o que for que meu grão-vizir tenha lhe dito, foi apenas para tranquilizá-lo: deve ter sido apenas um sonho e lhe imploro que não acredite em outra coisa, e que volte ao seu juízo.

– Senhor – respondeu o príncipe –, eu devo ser para sempre indigno da generosidade de Vossa Majestade, se não dei o devido crédito ao que gentilmente me diz. Mas, por favor, humildemente suplico-lhe que ouça pacientemente o que tenho a lhe dizer e só depois julgue se o que tive a honra de lhe contar foi um sonho ou não.

Assim, o príncipe Kamar narrou ao rei seu pai a forma como foi acordado, as tentativas de acordar a dama sem sucesso, e como ele fez a troca do seu anel por aquele que ela trazia. Mostrando o anel ao rei, acrescentou:

– Senhor, Vossa Majestade deve conhecer muito bem o meu anel, já que o viu diversas vezes. Depois disso, espero que se convença de que não enlouqueci, como quase me fizeram acreditar.

O rei ficou tão absolutamente convencido da verdade daquilo que seu filho lhe contou, que não pôde dizer uma palavra, permanecendo em choque por algum tempo, incapaz de pronunciar uma sílaba.

– Filho – disse, assim que sua voz voltou –, depois do que ouvi e pelo anel em seu dedo, não posso duvidar de que tenha visto essa dama. Se soubesse quem é ela eu o faria feliz a partir deste momento, e seria o pai mais feliz do mundo! Mas onde devo encontrá-la e como procurar por ela? Como ela pôde entrar aqui sem minha autorização? Por que ela veio? Essas questões, devo confessar, estão além da minha imaginação. – Assim disse, e pegou o príncipe pela mão – Venha, meu filho, vamos e sejamos infelizes juntos.

O rei então tirou seu filho da torre e levou-o até o palácio onde este, assim que chegou, ficou desesperado e caiu doente, de cama. O rei se trancou com ele e gastou muitos dias lastimando-se, sem se preocupar com os assuntos do reino.

O primeiro-ministro, que era a única pessoa a ter acesso ao rei, veio um dia e lhe disse que toda a corte, e mesmo o povo, começavam a levantar rumores sobre sua ausência, queixando-se de que ele não fazia os julgamentos diários, como estava acostumado a fazer.

– Por isso eu humildemente lhe imploro, Majestade, que lhes dê alguma atenção – pediu ele. – Estou ciente de que sua companhia é um grande conforto para o príncipe, mas Vossa Majestade não deve correr o risco de pôr tudo a perder. Permita-me propor a Vossa Majestade que se transfira com o príncipe para o castelo daquela pequena ilha perto do porto, onde poderá dar audiências aos assuntos do reino apenas duas vezes por semana. Durante esse período, o príncipe poderá agradavelmente distrair-se com a beleza, a vista e o bom ar do local, e assim, quem sabe, ele poderá suportar sua dor com menos pesar.

O rei aceitou sua proposta e depois que o castelo, onde ele não residia há algum tempo, foi mobiliado, mudou-se para lá com o príncipe. Lá, exceto nos momentos em que estava em audiência, como fora combinado, nunca deixava o filho, passando todo o seu tempo junto à cama dele, empenhando-se para confortá-lo e dividir a sua dor.

Enquanto as coisas assim aconteciam, os dois gênios, Danhasch e Caschcasch, levaram a princesa da China de volta ao palácio onde o rei, seu pai, a havia trancado.

Quando ela acordou na manhã seguinte e, olhando para os dois lados, notou que o príncipe Kamar não estava ali, chamou em voz alta pelas suas criadas. Sua aia, que se apresentou primeiro, pediu para que a princesa dissesse no que poderia ajudá-la e se algo desagradável havia acontecido a ela.

– Diga-me – perguntou a princesa –, o que aconteceu com o jovem rapaz a quem amei com toda a minha alma?

– Senhora – respondeu a aia –, não podemos entender Vossa Alteza, a menos que possa nos explicar do que se trata.

– De um homem jovem, o melhor e mais agradável que já vi e a quem não consegui acordar... Eu lhe pergunto: onde ele está? – disse a princesa.

– Senhora, Vossa Alteza faz essas perguntas para zombar de nós? Eu imploro que se levante!

– Eu estou sendo sincera – respondeu a princesa – e quero saber onde o jovem está.

– Senhora – insistiu a aia –, não podemos imaginar como um homem poderia entrar sem o nosso conhecimento, pois nós dormimos ao lado da porta de seus aposentos, que estava trancada e eu tinha a chave em meu bolso.

Nesse momento, a princesa perdeu toda a paciência, e segurando a aia pelo cabelo, deu-lhe dois ou três sonoros tapas, gritando:

– Você irá dizer-me onde está esse rapaz, velha feiticeira, ou eu irei quebrar sua cabeça!

A aia lutou para afastar-se dela, conseguindo por fim. Foi imediatamente, com lágrimas nos olhos, queixar-se com a rainha, sua mãe, que ficou muito surpresa por vê-la nesse estado e perguntou quem havia feito aquilo.

– Senhora – respondeu a aia –, veja como a princesa me tratou. Ela certamente teria me matado, se eu não tivesse tido a boa sorte de escapar de suas mãos.

Ela então começou a contar qual havia sido a causa da reação tão violenta da princesa. A rainha ficou surpresa ao ouvir os detalhes e não podia imaginar como a jovem tornara-se tão irracional a ponto de acreditar ser realidade algo que não podia ser mais do que um sonho.

– Vossa Majestade pode concluir por tudo isso, Senhora – continuou a aia –, que a princesa está fora de seu juízo perfeito. A Senhora poderá chegar à mesma conclusão se vier comigo e a vir por si mesma.

A rainha ordenou que a aia a seguisse e juntas foram ao palácio da princesa no mesmo instante.

A rainha da China sentou-se ao lado da cama da filha tão logo entrou nos aposentos. Depois de ter perguntado pela saúde da princesa, a rainha quis saber o que a tinha levado a ficar tão furiosa com a sua aia para que a tivesse tratado daquela maneira.

– Filha – disse ela –, isso não está certo, e uma grande princesa como você não deve sofrer a ponto de ser arrebatada por tal cólera.

– Senhora – respondeu a princesa –, eu percebo claramente que Vossa Majestade veio zombar de mim; mas afirmo que jamais a deixarei descansar até que permita que eu me case com aquele jovem. A senhora deve saber onde ele está e por isso eu imploro a Vossa Majestade que o deixe vir a mim novamente.

– Filha, você me surpreende! Não tenho a menor idéia do que está falando – respondeu a rainha.

Foi quando a princesa perdeu qualquer forma de respeito pela mãe:

– Senhora – respondeu ela –, o rei, meu pai, e a senhora me perseguiram com essa idéia de casamento, quando eu não tinha a menor vontade. Agora eu tenho vontade e irei casar com esse jovem sobre quem eu lhe falei, ou me matarei.

Nesse momento, a rainha se esforçou para acalmar a princesa com palavras suaves:

– Filha, como qualquer homem pode ter chegado até você?

Mas no lugar de ouvir sua mãe, a princesa a interrompeu e enfureceu-se de tal forma, que a rainha foi obrigada a deixá-la e sair muito aflita para informar ao rei sobre tudo o que havia acontecido.

O rei, ao tomar conhecimento do ocorrido, quis ele mesmo saber mais detalhes. Ao chegar aos aposentos de sua filha, perguntou a ela se o que tinha ouvido era verdade.

– Senhor – respondeu a princesa –, não vamos mais falar sobre isso. Eu apenas desejo que Vossa Majestade me conceda a graça de eu poder casar com aquele jovem. Ele é o mais belo e gentil jovem já visto pelo sol! Eu lhe imploro, não me negue isso. Mas Vossa Majestade não poderá duvidar por mais tempo de que eu tenha visto esse rapaz, nem de que fiz o máximo para acordá-lo, sem sucesso, se observar este anel, vê?

Ela então estendeu sua mão e mostrou ao rei o anel do rapaz em seu dedo. O rei não sabia o que pensar de tudo aquilo. Assim como ele a tinha trancado por achar que estava louca, começou a acreditar que agora ela estava mais louca do que nunca. Por isso, saiu sem dizer mais nada. Por medo de que ela pudesse ser violenta consigo mesma ou com alguém próximo, ele a prendeu e a manteve mais confinada do que antes, permitindo apenas que a aia ficasse com ela, com um bom guarda na porta.

O rei, excessivamente preocupado com a indisposição de sua filha, buscou todas as alternativas possíveis para curá-la. Ele reuniu seu Conselho e depois de ter informado aos seus membros as condições em que ela estava, perguntou:

– Se alguém de vocês for capaz de encarregar-se da sua cura e for bem-sucedido, eu irei entregá-la em casamento ao responsável e farei dele herdeiro de meus domínios e da coroa, depois de minha morte.

O desejo de casar com tão bela e jovem princesa, e a esperança de um dia vir a governar um reino tão poderoso como a China, teve um efeito estranho em um emir, já em idade avançada, que estava presente no Conselho. Como ele tinha bons conhecimentos de magia, ofereceu-se para curar a filha do rei, e gabou-se de que iria ter sucesso.

– Eu o autorizo – disse o rei –, mas me esqueci de dizer uma coisa: caso não seja bem-sucedido, você irá perder sua cabeça. Não seria razoável que recebesse uma recompensa tão boa sem correr nenhum risco. É o que lhe digo e direi a todos os outros que virão depois, para considerarem bem o que fazer antes de se comprometerem.

O emir, entretanto, aceitou a condição, e o rei o levou até onde a prin-

cesa estava. Ela cobriu o rosto assim que os viu entrando e gritou:

– Vossa Majestade me surpreende trazendo consigo um homem que eu não conheço, e para quem sou proibida, por minha religião, de ser vista.

– Filha – respondeu o rei –, não precisa ficar escandalizada, este é um dos meus emires que veio pedi-la em casamento.

– Não é, pelo que vejo, a pessoa a quem o senhor já deu a minha mão, e cujo compromisso está selado pelo anel que uso – replicou a princesa. – Não fique ofendido, pois nunca irei me casar com outro.

O emir esperava que a princesa fizesse ou falasse algo extravagante e ficou muito desapontado quando a ouviu, tão calma e racional. Foi quando ele entendeu qual era realmente a questão. Não ousou explicar ao rei que este não havia permitido à princesa casar com qualquer outra pessoa que não fosse aquela que ela desejasse. Por isso, jogou-se aos pés do rei e disse:

– Depois do que eu ouvi e observei, Senhor, não há nenhum sentido para mim em curar a princesa, pois não tenho nenhuma medicação adequada à sua enfermidade, por isso eu humildemente submeto minha vida aos desejos de Vossa Majestade.

O rei, enraivecido com a incapacidade deste e com os problemas que lhe causara, ordenou que ele fosse imediatamente decapitado.

Alguns dias depois, o rei, não querendo que dissessem que estava negligenciando a cura de sua filha, anunciou um proclama na sua capital, convocando qualquer médico, astrólogo ou mágico que pudesse restaurar a saúde mental da princesa. Tal pessoa apenas precisava se apresentar e seria empregado, com a condição de perder a cabeça se falhasse. Fez com que o mesmo proclama fosse divulgado nas principais cidades dos seus domínios e nas cortes vizinhas.

O primeiro a se apresentar foi um astrólogo e mágico, a quem o rei permitiu que fosse levado para a prisão da princesa. O astrólogo tirou de uma bolsa que carregava sob o braço, um astrolábio, uma esfera pequena, um aquecedor, diversos tipos de drogas para fumigações, um pote de bronze e muitas outras coisas. Pediu que o fogo fosse aceso.

A princesa exigiu que dissesse para que serviria toda aquela parafernália.

– Senhora – respondeu o astrólogo –, são instrumentos para exorcizá-la do espírito maligno que a possuiu, para fechá-lo neste pote e jogá-lo no mar.

– Astrólogo louco – replicou a princesa –, não tenho nenhum motivo para usar qualquer um desses aparatos, pois estou em meu juízo perfeito e apenas você aqui está louco! Se sua arte puder trazer aquele que eu amo para mim, eu ficarei em débito com você; de outra forma, pode ir tratar de seus assuntos, pois não tenho nada a tratar com você.

– Senhora, se for esse o caso, eu devo desistir de todos os esforços, acreditando que apenas o rei, seu pai, pode remediar seu infortúnio, respondeu ele. Depois de guardar seus apetrechos, ele se foi, muito preocupado por ter se comprometido tão facilmente em curar um mal imaginário.

Indo prestar contas ao rei do que havia feito, ele começou corajosamente:

– De acordo com o que Vossa Majestade publicou em seu proclama e que depois veio a me confirmar pessoalmente, eu pensei que a princesa estava demente e dependia, para se recuperar, dos segredos que há longo tempo eu conheço, mas logo percebi que é Vossa Majestade o médico que pode curá-la, ao entregá-la em casamento ao homem que ela deseja.

O rei ficou muito enraivecido com o astrólogo, e mandou cortar sua cabeça na mesma hora. Para encurtar a história, cento e cinquenta astrólogos, médicos e mágicos tiveram a mesma sina.

A aia da princesa da China tinha um filho chamado Marzavan, considerado irmão adotivo da princesa e que foi trazido para junto dela. Sua amizade fora imensa durante a infância de ambos. Os dois estavam sempre juntos e passaram a se tratar como irmão e irmã, enquanto cresciam, e mesmo depois de sua separação.

Marzavan, entre outros conhecimentos, foi em sua juventude muito dedicado à astrologia judicial, à geomancia e a outras artes secretas, nas quais ele acabou se tornando extremamente hábil. Não satisfeito com o que havia aprendido de seus mestres, ele viajou assim que se sentiu capaz de suportar a fadiga. E foi difícil encontrar qualquer pessoa digna de nota em qualquer ciência ou arte, que ele não tenha ido visitar nas ci-

dades mais remotas, ficando em companhia delas pelo tempo suficiente para obter todas as informações que desejava, tão grande era sua sede por conhecimento.

Depois de vários anos de ausência viajando por terras estrangeiras com esse objetivo, ele voltou à capital do seu país natal, a China, onde ficou extremamente surpreso ao ver várias cabeças expostas na ponte por onde entrou. Chegando em casa, perguntou porque elas tinham sido postas lá, mas seu maior interesse era saber sobre a princesa, sua irmã de criação, a quem nunca esquecera. Como não pôde receber uma resposta exata para uma ou outra questão, por fim acabou, com muita tristeza, ouvindo um resumo geral, esperando descobrir mais detalhes assim que encontrasse sua mãe, a aia da princesa.

Apesar de a aia, mãe de Marzavan, estar muito ocupada com os cuidados com a princesa, ela não demorou a ouvir que seu amado filho tinha voltado e encontrou um tempinho para sair, abraçá-lo e conversar um pouco com ele. Contou-lhe, com lágrimas nos olhos, em que triste situação se encontrava a princesa e por que razão o rei, seu pai, a havia trancado. Quis saber de sua mãe se ela poderia conseguir que ele tivesse um encontro particular com sua senhora real, sem que o rei soubesse. Depois de uma pausa, ela disse a ele que não poderia garantir nada no momento, mas se ele quisesse encontrá-la no dia seguinte, à mesma hora, ela lhe daria uma resposta.

A aia sabia que ninguém poderia se aproximar da princesa, a não ser ela mesma, sem a licença do oficial comandante da guarda da porta, por isso dirigiu-se a ele, pois, como este havia sido recentemente designado, não devia saber nada do que ocorria na corte chinesa.

– Você sabe – disse-lhe ela – que eu criei a princesa e também deve ter sabido que eu tive uma filha a quem criei junto com ela. Essa filha casou-se, mas a princesa ainda lhe dá a honra de amá-la e de bom grado a veria, mas só se ninguém notasse que minha filha entrou ou saiu.

A aia teria ido adiante, mas o oficial a interrompeu:

– Não diga mais nada. Com prazer eu farei qualquer coisa que agrade a princesa. Vá buscar sua filha ou a mande aqui por volta da meia-noite e o portão estará aberto para vocês.

Assim que a noite chegou, a aia foi procurar seu filho Marzavan e,



ao encontrá-lo, vestiu-o com roupas de mulher, de forma que ninguém pudesse adivinhar que se tratava de um homem. Levou-o com ela, e o oficial, acreditando piamente que se tratava de sua filha, deixou-os entrar.

A aia, antes de introduzir Marzavan, foi até a princesa e disse:

– Senhora, esta não é uma mulher que trouxe para vê-la. É meu filho Marzavan disfarçado, que chegou recentemente de suas viagens e mostrou grande desejo de vir beijar sua mão. Eu espero que Vossa Alteza lhe permita esta honra.

– O quê!? Meu irmão Marzavan! – exclamou a princesa com grande alegria. – Venha para mais perto e tire esse véu, pois não é crime que um irmão e uma irmã possam se ver sem estar com os rostos cobertos.

Marzavan saudou-a com grande respeito, mas ela, sem lhe dar tempo para falar, exclamou:

– Estou exultante em ver que voltou com boa saúde depois de tantos anos de ausência, sem mandar a menor satisfação durante todo o tempo da sua ausência, nem mesmo para sua boa mãe.

– Senhora – respondeu Marzavan –, sou eternamente agradecido a Vossa Alteza por sua bondade em alegrar-se com minha saúde: esperava ter melhores notícias suas do que essa grande aflição que testemunho agora. Entretanto, não posso senão me alegrar porque cheguei a tempo de trazer a Vossa Alteza o remédio de que tanto necessita. Ainda que eu não colhesse nenhum outro fruto de meus estudos e da longa viagem, me sentiria plenamente recompensado por ajudá-la.

Dizendo essas palavras, Marzavan tirou de seu bolso um livro e outros objetos, que julgou serem necessários, de acordo com os cálculos que ele fez do relato de sua mãe sobre a doença da princesa. Esta, vendo-o fazer todos esses preparos, gritou:

– O quê?! Irmão, você é um desses que acredita que estou louca? Abra os olhos e me escute.

A princesa então começou a contar a Marzavan todos os detalhes de sua história, sem omitir o menor acontecimento, mesmo o fato do anel que foi trocado com o dela, o qual mostrou a ele.

Depois que a princesa acabou de falar, Marzavan, cheio de admiração e espanto, continuou por algum tempo com a cabeça baixa, com os

olhos fixos no chão, sem dizer uma palavra. Finalmente ele levantou a cabeça e disse:

– Se for como Vossa Alteza contou, o que eu não duvido nem um pouco, não desanimarei em partir em busca da satisfação que deseja; mas devo primeiro suplicar a Vossa Alteza que se arme de paciência por um longo tempo, até que eu volte depois de ter viajado por diversos reinos que ainda não visitei; e, quando ouvir falar de meu retorno, tenha certeza de que seu objeto de desejo não estará longe.

Assim dizendo, Marzavan deixou a princesa e partiu na manhã seguinte em sua nova jornada. Ele viajou de cidade em cidade, de província em província, e de ilha em ilha, e em cada lugar por onde passou não ouvia falar sobre nada que não fosse a respeito da princesa Badura (que era o nome da princesa da China) e sua história.

Cerca de quatro meses depois, Marzavan chegou a Torf, uma cidade portuária, grande e populosa, onde não mais ouviu o nome da princesa Badura, mas onde se falava do príncipe Kamar, que estava doente e cuja história lembrava muito a dela. Marzavan ficou extremamente encantado em ouvir isto e foi se informar sobre o local onde o príncipe podia ser encontrado. Havia duas formas de chegar a ele, uma por terra e mar e outra somente por mar, que era o menor caminho.

Marzavan escolheu o último e embarcou num navio mercante, que chegou em segurança ao avistarem a capital; mas, pouco antes de entrar no porto, o barco bateu contra uma rocha, graças à inexperiência do piloto, e naufragou. Ele foi a pique bem em frente do castelo do príncipe Kamar, onde estavam àquela hora o rei e seu grão-vizir.

Marzavan sabia nadar muito bem, e assim que o baque do barco o jogou ao mar, ele se pôs a salvo na praia, logo abaixo do castelo, onde foi socorrido por ordem do grão-vizir. Depois de ter trocado de roupa e ser bem tratado, ele se recuperou e foi levado ao grão-vizir, que o havia chamado.

Marzavan era um jovem homem de bela estampa e boas maneiras, e o ministro o recebeu muito civilizadamente; e quando o ouviu dando respostas tão precisas e adequadas às suas perguntas, desenvolveu uma grande estima por ele. Gradualmente, notou que o jovem era dono de grande conhecimento e por isso lhe disse:

– Pelo que pude entender de nossa conversa, vejo que você não é um homem comum. Fez uma grande viagem! Por Deus, será que você aprendeu alguma forma secreta de curar certa pessoa doente, que está em grande aflição, nesta corte, por um longo tempo?

Marzavan respondeu que se ele soubesse o tipo de moléstia que acometia essa pessoa, talvez pudesse providenciar um remédio para ela.

Então o grão-vizir contou a ele toda a história do príncipe Kamar desde o princípio, sem esconder nada. Seu nascimento, sua educação, a vontade do sultão, seu pai, de vê-lo casado cedo. Falou de sua resistência e extraordinária aversão ao casamento, sua desobediência ao pai em frente a todo o Conselho, seu aprisionamento, suas pretensas extravagâncias na prisão, que depois se transformaram em uma loucura violenta por certa dama que, ele afirmava, havia trocado de anel com ele. Embora, da parte dele, grão-vizir, dificilmente se pudesse aceitar que existisse tal pessoa no mundo.

Marzavan prestou grande atenção em tudo o que o grão-vizir dizia, e ficou infinitamente feliz em descobrir que, graças ao seu naufrágio, teve a sorte de encontrar justamente a pessoa que buscava. Não viu qualquer razão para duvidar de que o príncipe Kamar fosse esse homem, e de que a princesa da China fosse a mulher. No entanto, sem dar grandes explicações ao grão-vizir, pediu para ver o jovem enfermo, para que fosse capaz de julgar sua doença e cura.

– Siga-me – disse o grão-vizir. – Você irá encontrar junto dele o rei, que já mostrou seu desejo de ser apresentado a você.

A primeira coisa que chocou Marzavan, ao entrar nos aposentos do príncipe, foi encontrá-lo sobre sua cama, totalmente abatido e com os olhos fechados. Embora o tenha visto nessas condições, e ainda que o rei, seu pai, estivesse sentado ao seu lado, não pôde evitar uma exclamação:

– Mas nunca houve semelhança maior! – Ele se referia à princesa da China, pois lhe parecia que a princesa e o príncipe eram muito semelhantes.

As palavras de Marzavan atiçaram a curiosidade do príncipe a ponto de fazê-lo abrir os olhos e olhar para ele. Marzavan, que tinha um raciocínio rápido, aproveitou a oportunidade e começou a contar sua



história em verso, de improviso. Mas o fez de uma forma tão discreta, que nem o rei nem o grão-vizir entenderam qualquer coisa. Entretanto, ele descreveu tão bem o que havia acontecido ao príncipe e à princesa da China, que o jovem não teve dúvidas: Marzavan a conhecia e poderia lhe dar informações sobre ela. Isso o encheu de alegria, e o efeito logo apareceu no brilho de seus olhos e na fisionomia.

Depois de Marzavan ter terminado sua história, que surpreendera o príncipe Kamar tão agradavelmente, este tomou a liberdade de fazer um sinal para o rei, seu pai, para deixar o lugar onde estava e permitir que Marzavan sentasse ao seu lado.

O rei, cheio de alegria por essa nova atitude, que lhe dava esperanças de uma rápida recuperação de seu filho, deixou seu lugar e, pegando Marzavan pela mão, levou-o até o príncipe. Então o monarca perguntou-lhe quem era e de onde tinha vindo. E assim que Marzavan respondeu que era um filho da China e havia vindo daquele reino, o rei exclamou:

– Os céus permitam que você seja capaz de curar meu filho de sua profunda melancolia, e eu serei eternamente seu devedor! Todo o mundo deverá ver quão generosamente eu irei recompensá-lo.

Tendo dito isso, ele deixou o príncipe conversando com total liberdade com o estrangeiro, enquanto ele saía e se congratulava com o grão-vizir.

Marzavan inclinou-se em direção ao príncipe, falando baixo em seu ouvido:

– Príncipe, é tempo de cessar sua dor. A dama por quem sofre é a princesa Badura, filha de Gaiur, rei da China. Isto eu posso assegurar a Vossa Alteza pelo que ela mesma me contou sobre sua aventura, e o que eu pude perceber, Alteza, da sua própria história. Ela não sofre menos por sua causa do que o senhor por causa dela. – E começou a contar tudo o que sabia sobre a história da princesa, desde a noite de seu extraordinário encontro.

Ele não deixou de lado ao informá-lo, nem a forma cruel como o rei tratava aqueles que haviam falhado em suas pretensões de curar a princesa de sua indisposição.

– Mas Vossa Alteza é a única pessoa que pode curá-la efetivamente, e pode se apresentar na corte sem medo das conseqüências. Entretanto, antes de empreender algo tão grande como esta viagem, eu o deixarei perfeitamente recuperado e depois poderemos tomar as medidas necessárias. Pense então apenas na recuperação de sua saúde.

Este discurso teve um efeito maravilhoso no príncipe. Ele encontrou tão grande alívio que sentiu que tinha forças para levantar e pediu permissão ao seu pai para se vestir, com tanta animação, que deu ao velho rei um incrível prazer.

O rei não pôde se conter e abraçou Marzavan, sem perguntar que meios ele havia usado para conseguir esse maravilhoso resultado, e logo deixou os aposentos do príncipe com o grão-vizir para anunciar as boas novas. Ele ordenou festejos públicos durante diversos dias, oferecendo grandes dádivas aos seus oficiais e ao povo, esmolas aos pobres e libertou prisioneiros por todo o reino. A alegria em breve tornou-se generalizada por toda a capital e por cada canto de seus domínios.

O príncipe Kamar, apesar de extremamente enfraquecido pelo desejo contínuo de dormir e pela longa abstinência de quase todo alimento, logo recuperou sua saúde. Quando se encontrou em condições de fazer uma viagem longa, chamou Marzavan e disse:

– Caro Marzavan, chegou a hora de cumprir a promessa que me fez. Estou queimando de impaciência de ver a encantadora princesa e se não iniciarmos nossa jornada imediatamente eu poderei voltar ao meu estado de depressão. Mas uma coisa ainda me preocupa – continuou ele – e é a dificuldade de conseguir a licença de meu pai para partir. Será uma grande decepção para mim, se você não encontrar uma forma de evitar esse problema. Pode ver que ele dificilmente se afasta de mim.

Com essas palavras, o príncipe caiu no choro. Mas Marzavan disse:

– Eu previ essa dificuldade. Vossa Alteza não deve ficar aflito com isso, pois eu encontrarei uma forma de evitá-lo. Meu principal objetivo nesta viagem é curar a princesa da China de sua moléstia, graças ao afeto mútuo que existe entre mim e ela desde o nosso nascimento, além do zelo que, de outra maneira, lhe devo. E também desejo isso por minha obrigação para com ela. Quero usar do meu melhor esforço para curá-la e a você, e exercer minha máxima habilidade. Portanto,

isso significa que estou comprometido em obter a sua liberdade. Vossa Alteza não sai há um bom tempo, por isso faremos com que o rei, seu pai, entenda que você precisa de novos ares. Peça-lhe permissão para sair em uma caçada por dois ou três dias comigo. Não tenho dúvidas de que ele a dará. Quando isso acontecer, mande que dois bons cavalos estejam prontos, um para montar, o outro para a troca, e deixe o resto comigo.

No dia seguinte, o príncipe Kamar aproveitou uma oportunidade para fazer o pedido. Disse ao rei que estava com vontade de tomar novos ares e, se o pai lhe permitisse, gostaria de ir caçar com Marzavan por dois ou três dias. O rei lhe deu seu consentimento, mas ordenou que ele não ficasse fora mais do que uma noite, pois muito exercício de uma única vez poderia debilitar-lhe a saúde, e uma longa ausência poderia provocar preocupação no idoso Sultão. Então, o príncipe ordenou que fossem selecionados os melhores cavalos do seu estábulo, e ele mesmo tomou os devidos cuidados para que nada fosse deixado de lado. Quando tudo ficou pronto, o rei abraçou o príncipe e, dando recomendações de cuidado para Marzavan, deixou que se fossem. O Príncipe Kamar e Marzavan logo estavam cavalgando e, para distrair os cavaleiros que os acompanhavam, agiram como se estivessem indo caçar, e assim se afastaram da cidade e da estrada o máximo possível. Quando a noite começou a cair, eles apearam em uma hospedaria, onde cearam e dormiram até cerca de meia-noite. Então Marzavan acordou o príncipe sem chamar a atenção dos cavaleiros, e fez com que o jovem vestisse um dos seus trajes de viagem, pegando outro para si mesmo. Depois de prontos, montaram nos cavalos descansados e Marzavan pegou uma das montarias dos cavaleiros pela brida, partindo tão rápido quanto os cavalos podiam ir.

Quando o dia nasceu, eles estavam na floresta, chegando a uma encruzilhada de quatro estradas, onde Marzavan pediu ao príncipe que esperasse um pouco por ele e entrou na floresta. Lá, matou a montaria do cavaleiro, e depois de rasgar as vestes que o príncipe havia deixado de lado à noite, besuntou-a com o sangue e jogou-a na estrada.

O príncipe quis saber por que havia feito isso. Ele lhe disse ter certeza de que o rei, seu pai, não demoraria a descobrir que o filho não

voltaria e que havia partido sem os cavaleiros. Ora, o monarca iria desconfiar de alguma coisa e imediatamente mandaria procurá-los.

– Eles virão até este lugar – disse ele – e encontrarão suas roupas sujas de sangue, e irão concluir que você foi devorado por animais selvagens e que eu escapei para evitar a ira dele. O rei, convencido de que você está morto, irá parar de nos perseguir, e teremos tranquilidade para continuar nossa jornada sem medo de sermos seguidos. Eu devo confessar – continuou Marzavan – que esta forma violenta de agir, preocupando um pai idoso com a morte de seu filho, a quem ele ama com tanta paixão, não me agrada; mas sua alegria será maior quando ele souber que você está vivo e feliz.

– Bravo, Marzavan – respondeu o príncipe. – E não poderia senão aprovar tal estratégia genial, nem deixar de admirar sua conduta: estou novamente em débito com você.



O príncipe e Marzavan, abastecidos com dinheiro suficiente para suas despesas, continuaram sua jornada tanto por mar quanto por terra, e não encontraram nenhum obstáculo a não ser o grande tempo necessário para completá-la. Eles chegaram por fim à capital da China, onde Marzavan, ao invés de ir aos seus aposentos, levou o príncipe a uma hospedaria pública. Ali eles permaneceriam incógnitos por três dias repousando depois de uma viagem tão cansativa. Durante esse tempo, Marzavan também providenciou que fosse feito um traje de astrólogo para o príncipe.

Quando os três dias terminaram, o príncipe colocou a roupa de astrólogo e Marzavan deixou-o para ir se encontrar com sua mãe, a aia da princesa Badura e informá-la de sua chegada, de forma que ela pudesse comunicar à princesa.

O príncipe Kamar, instruído por Marzavan sobre o que deveria fazer, e munido com todos os apetrechos necessários para se passar por um astrólogo, chegou, na manhã seguinte, ao portão do palácio do rei, apresentando-se aos guardas e porteiros e lhes disse:

– Eu sou um astrólogo e vim proporcionar a cura para a estimada princesa Badura, filha do maior e mais poderoso monarca, Gaiur, rei da China, nas condições propostas por ele: de casar com ela se obtiver sucesso, ou perder a cabeça por minha tentativa infrutífera e presunçosa.

Além dos guardas e porteiros no portão, logo começou a juntar um grande número de pessoas para ver o príncipe Kamar. Nenhum médico, astrólogo ou mágico havia aparecido por um longo tempo, atemorizados pelos trágicos exemplos anteriores do insucesso da cura doença da princesa, que eram expostos aos olhos de todos. Por isso, chegaram a pensar que não havia mais homens dessas profissões no mundo, ou que eles não eram tão loucos como os que haviam se apresentado para a tarefa.

A boa aparência do príncipe, seu ar nobre e sua juventude exuberante fizeram com que todos o vissem com pena.

– O que deseja, senhor – disse alguém que estava próximo dele – além de expor sua promissora vida a uma morte tão certa? As cabeças que viu em todas as pontes desta cidade não são suficientes para

impedi-lo de tal tarefa? Pense no que vai fazer: abandone esta idéia impetuosa e parta.

O príncipe continuou firme, não obstante todos esses avisos, e como ele não viu ninguém vir atendê-lo, repetiu o mesmo chamado com uma ousadia que fez todos tremerem. Então todos começaram dizer:

– Deixem-no a sós, ele está resolvido a morrer. Deus tenha piedade de sua juventude e sua alma!

Ele ainda precisou gritar uma terceira vez da mesma forma, até que o grão-vizir em pessoa apareceu para levá-lo ao rei da China.

Assim que o príncipe foi levado à presença do rei, ele se abaixou e beijou o chão. O rei, que de todos que até agora haviam exposto presunçosamente suas vidas por essa causa, não havia visto um só digno de receber um mero olhar seu, sentiu verdadeira compaixão pelo príncipe Kamar por conta do perigo que ele estava prestes a ser submetido. Mas como o rei o considerou mais merecedor do que medíocre, mostrou ao príncipe mais honra e fez com que ele se sentasse ao seu lado.

– Jovem rapaz – disse o rei –, eu mal posso acreditar que você, nesta idade, tenha adquirido experiência suficiente para ousar tentar a cura de minha filha. Eu espero que seja bem-sucedido. Eu a entregarei em casamento a você com todo o meu coração, e com grande alegria, mais disposto do que o teria feito com os outros que se apresentaram antes de você. Mas eu devo declarar-lhe, ao mesmo tempo e com grande preocupação, que se não for bem-sucedido em sua tentativa, não interessa quão nobre possa ser sua aparência ou sua juventude, você irá perder a cabeça.

– Senhor – respondeu o príncipe –, eu me vejo em infinito débito com Vossa Majestade pela honra com que me trata e com a grande bondade que demonstra para com um estranho. Mas desejo que Vossa Majestade acredite: eu não viria de um país tão distante como o meu, cujo nome talvez seja desconhecido em seus domínios, se não estivesse totalmente certo de que posso realizar a cura a que me proponho. O que o mundo não comentaria de minha volubilidade se, depois de grandes perigos e cansaço que sofri por essa causa, eu a abandonasse? Mesmo Vossa Majestade em breve perderia a estima que desenvolveu por mim. Se devo morrer, Senhor, que seja com a satisfação de não

ter perdido sua estima depois de tê-la merecido. Eu imploro a Vossa Majestade, por essa razão, que não me mantenha por mais tempo sem demonstrar a certeza que tenho de minha arte.

Depois disso, o rei ordenou ao oficial que mantinha a custódia da princesa que levasse o príncipe Kamar para seus aposentos: mas antes de deixá-lo ir, lembrou-o mais uma vez que ele tinha a liberdade de renunciar a seu destino. Novamente o príncipe lhe deu atenção, mas com assombrosa resolução e impaciência, seguiu o oficial.

Quando eles chegaram a um longo corredor, no fim do qual estavam os aposentos da princesa, o príncipe, ao se ver tão perto de seu objeto de desejo, que lhe havia provocado tantas lágrimas, acelerou o passo e chegou antes do oficial.

Este, redobrando o passo, com muito barulho, chegou ao príncipe:

– Aonde quer chegar tão rápido? – gritou ele, pegando o jovem pelo braço. – Não pode seguir sem mim. Parece que você tem um grande desejo pela morte para correr para ela tão impetuosamente. Nem um de todos os muitos astrólogos e mágicos que eu trouxe antes, apressou-se tanto quanto você para chegar a um lugar de onde, temo, sairá muito depressa.

– Amigo – respondeu o príncipe, olhando gravemente para o oficial, e mantendo o passo –, isto é porque nenhum dos astrólogos de que fala estavam tão certos de sua arte quanto estou da minha. Eles sabiam, de fato, que poderiam morrer se não tivessem sucesso, mas não tinham certeza de serem bem-sucedidos. Por isso, tinham razão em tremer ao se aproximar do lugar para onde vou, e onde eu estou certo de encontrar minha felicidade.

Ele havia acabado de dizer essas palavras quando chegaram à porta. O oficial a abriu e o fez entrar no grande salão, que era a entrada para o quarto da princesa, separado deste por apenas um pedaço de tapeçaria.

O príncipe Kamar parou na frente da entrada, sussurrando para o oficial por medo de ser ouvido do quarto da princesa:

– Para convencê-lo – disse ele – de que não há presunção, nem capricho, nem extravagâncias juvenis em minha empreitada, eu deixo à sua escolha decidir se devo curar a princesa na presença dela ou onde estamos sem ir adiante.

O oficial ficou pasmo ao ouvir o príncipe falar com ele com tanta confiança: saiu insultando-o e disse seriamente:

– Não interessa se vai fazê-la aqui ou lá, desde que o negócio seja feito: cure-a como puder, e obterá nossa honra imortal por isso, não apenas da corte, mas de todo o mundo.

O príncipe respondeu:

– Então será melhor curá-la sem vê-la. Assim você poderá ser testemunha de minha capacidade: apesar de minha impaciência em ver uma princesa de sua fama e que será minha esposa, ainda, em respeito a você, irei me privar desse prazer por enquanto.

Ele trazia consigo todos os apetrechos que um astrólogo deveria carregar, e pegando caneta, tinta e papel de seu bolso, escreveu uma carta à princesa.

Quando o príncipe terminou a sua carta, ele a dobrou e fechou-a junto com o anel da princesa, sem deixar que o oficial visse o que estava fazendo. Quando a lacrou, deu-a ao oficial:

– Aqui está, amigo – disse ele. – Leve-a para sua senhora. Se não ficar curada assim que ler esta carta e vir o que está junto com ela, eu deixarei que se vá e conte a todos que eu sou o astrólogo mais ignorante e sem-vergonha que já existiu ou virá a existir.

O oficial, entrando no quarto da princesa da China, entregou a ela o pacote que ele havia recebido do príncipe Kamar.

– Senhora – disse ele –, o mais confiante astrólogo que já existiu, se não estou enganado, chegou aqui e acredita que ler esta carta e ver o que há dentro dela fará com que a senhora se cure; eu espero que ele não prove ser nenhum mentiroso, nenhum impostor.

A princesa Badura pegou a carta e a abriu com grande ar de indiferença, mas quando viu o anel, não teve paciência de ler a carta. Levantou apressadamente, quebrou a corrente que a segurava, correu para a porta e a abriu. Ela reconheceu o príncipe assim que o viu e ele a reconheceu também. Imediatamente se abraçaram com ternura, sem serem capazes de falar, graças ao excesso de alegria: eles olharam um para o outro por um longo tempo, mal acreditando que se achavam juntos novamente depois de seu primeiro encontro. A aia da princesa, que correu para a porta junto com ela, fez com que entrassem no quar-

to, onde a princesa Badura deu ao príncipe seu anel, dizendo:

– Pegue-o, não posso mantê-lo sem devolver o seu, do qual nunca me separei; e ele nem poderia estar em melhores mãos.

O oficial foi imediatamente contar ao rei da China o que havia acontecido.

– Senhor – disse ele – todos os astrólogos e doutores que até agora tentaram curar a princesa eram tolos quando comparados a este. Ele não usou nem esquemas nem feitiços ou perfumes, ou qualquer outra coisa; curou-a sem sequer vê-la.

Então ele contou ao rei como havia acontecido. O monarca ficou agradavelmente surpreso com as notícias e foi até os aposentos da princesa abraçá-la. Depois, abraçou o príncipe e, pegando sua mão, uniu-a à da princesa.

– Feliz estranho – disse o rei –, quem quer que você seja, eu manterei minha palavra e lhe darei minha filha em casamento: apesar de que, por sua aparência, não consigo acreditar que você seja realmente o que pretende aparentar e quer me fazer acreditar.

O príncipe Kamar agradeceu ao rei com sua voz mais humilde, com a maior demonstração de sua gratidão.

– Quanto à minha pessoa – disse ele –, devo reconhecer que não sou um astrólogo, como Vossa Majestade muito justamente adivinhou; eu apenas pus os trajes de um, para que pudesse ter mais chances de sucesso em minha ambição de me apresentar ao mais poderoso monarca do mundo. Eu nasci príncipe, filho de um rei e uma rainha. Meu nome é Kamar; meu pai é Schahzaman, que agora reina sobre as terras que são bem conhecidas pelo nome de Ilhas dos Filhos de Khaledan – E assim contou sua história.

Quando o príncipe acabou de falar, o rei lhe disse:

– Esta história é tão extraordinária que merece ser deixada para a posteridade. Eu terei o cuidado de fazer com que isso aconteça. E com os originais depositados em meus arquivos, espalharei cópias por todos os lados, de forma que todos os meus reinos e os reinos vizinhos possam conhecê-la.

O casamento foi realizado no mesmo dia, e as felicitações por ele foram gerais por todo o império da China. E Marzavan não foi esque-



cido: o rei imediatamente deu a ele um honorável posto em sua corte, com a promessa de progredir. As festas se mantiveram por diversos meses, para comemorar toda a alegria do casal.



Ficha Técnica

O Príncipe Kamar e a Princesa da China

Conto das Mil e Uma Noites

Tradução de Cleusa Lopes

Ilustrações de Mozart Couto

ISBN: 978-85-61192-15-0

Coordenação editorial de Alberto V. Queiroz

Editoração – Magno Studio

Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP, 1ª edição – 2009

Este livro faz parte do Programa Gosto de Ler,
da Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos

Secretaria Municipal de Educação

Rua Felício Savastano, 240 – Vila Industrial – São José dos Campos – SP – 12220-270

Fone: (12) 3901-2000 – E-mail: 156@sjc.sp.gov.br

Todos os direitos reservados à Prefeitura Municipal de São José dos Campos – SP.

É vedada a reprodução total ou parcial da presente obra sem autorização expressa da detentora dos direitos.



**Cidade de
São José dos Campos**
Prefeitura Municipal



ISBN: 978-85-61192-15-0